

# O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO NAS CLASSES SOCIAIS

**GALVÃO**, Paloma Barroso.  
agamenon@infonet.com.br

LIMA, Márcio Cardoso. (Orientador)  
Graduado em letras, Especialista, Prof. do curso de Letras Português da Universidade  
Tiradentes – UNIT  
mcardosolima@uol.com.br

## RESUMO

Este artigo trata da variação da língua que existe entre as pessoas que possuem fala tida como desprestigiada e prestigiada, colocando em evidência a capacidade do indivíduo em manifestar-se. Desse modo, constatamos a diferença que há entre as classes sociais e a necessidade de existir uma inserção das classes sociais, sem prestígio, no padrão culto da língua. Sabemos que as diferenças da linguagem escrita, a linguagem oral não depende do contexto e sua influência.

Palavras-chave: preconceito lingüístico, classes sociais e língua.

# O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO NAS CLASSES SOCIAIS

## INTRODUÇÃO

O tema escolhido vem mostrar que não é preciso dominar a norma culta para nos comunicarmos, o importante é que haja o respeito na diversidade lingüística entre as classes.

A gramática não é o único caminho para que haja comunicação. Não existe “falar errado”, o que existe são diferenças no uso da língua com relação à gramática normativa.

Demonstra-se que para ter um diálogo claro entre as pessoas de diferentes classes sociais não é necessário que se aplique a norma culta utilizada pelas gramáticas, esta situação mostra que existe uma desvalorização de outros tipos de falares.

É importante respeitar as variedades da língua já que toda pessoa sabe falar, pois não existe “erro de português” e sim variações lingüísticas com relação à gramática normativa, destruindo o conceito ideológico das diferenças nas classes sociais de diferentes padrões.

### O que é Preconceito Lingüístico?

O preconceito lingüístico está baseado no mito de que há apenas uma língua portuguesa correta, a língua ensinada nas escolas, aquela que está na gramática e nos dicionários. E toda manifestação lingüística que saia do padrão é considerada como preconceito lingüístico.

Esse tipo de preconceito é comum na sociedade na qual vivemos, preconceito explícito em jornais, revistas, livros e manuais que ensinam o “certo” e o “errado” além das gramáticas e os livros didáticos.

A realidade lingüística é marcada pela diversidade, sendo conhecida pelas instituições encarregadas de planejar a educação no Brasil. Constatamos que nos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicado em 1998, o seguinte teor:

a variação é constitutiva das línguas humana ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua.

A variação de uma língua independe da norma a que se presta, ela porém, está relacionada ao que se destina e diferente da escrita – a língua falada – está condicionada a experiências vividas, que a difere de padrões estilísticos e normativos. Sendo assim um falante conhecedor ou não da norma padrão sabe expressar-se – na oralidade ou na escrita.

### **A história da lingüística**

Desde a época de Platão, a língua ganhou uma característica que a unia diretamente com a norma que deu a língua uma espécie de “pureza”. Já Chomsky (apud, Cristal,1977 p.23):

a pessoa que adquiriu conhecimento de uma língua internalizou um sistema de regras que relaciona de forma determinada som e significado. O lingüística que constrói a gramática de determinada língua está na verdade propondo uma hipótese referente a este sistema internalizado.

Um lingüista na verdade em sua “gramática”, afasta-se do que se convencionou chamar de norma padrão. Ele nos ensina como pensar essa gramática sem ter que nos guiarmos por padrões estilísticos que acabam por prezar regras gramaticais não condizentes com a realidade a que esta se destina.

Na Antiguidade Clássica, o estudo da linguagem foi iniciado por Platão, e as palavras eram divididas em nomes e verbos. A Lingüística foi declarada como ciência no século XIX, e durante todos estes anos, mudanças ocorreram no pensamento e nas pesquisas dos lingüistas. Com isso, é importante frisar que as transformações no estudo da Lingüística

tradicional à época e com relação à Lingüística atual só foi possível por causa de mudanças nos estudos das ciências biológicas.

### **A gramática tradicional e o domínio da norma culta**

A linguagem é muito importante para o indivíduo, pois é a partir dela que o ser humano interage socialmente. Só que com o surgimento das gramáticas normativas, a língua passa a sofrer a tentativa de ser normatizada. Apontando-se essa forma a única para que a língua seja utilizada em sua plenitude.

A fala como elemento de comunicação funciona na relação emissor/receptor fazendo com que exista uma decodificação, servindo como instrumento da fala, levando em consideração a comunidade lingüística e desconsiderando o “erro” já que isto acontece na situação normal de fala.

A linguagem padrão estabelece o dialeto perfeito, no qual as normas de falar e escrever são apresentadas por um grupo de regras a serem usadas, que a partir do momento que são dominadas, o indivíduo passa a ter uma “boa” leitura e escrita segundo os gramáticos normativos.

A escola, muitas vezes, pode ser transformadora, proporcionando às classes tidas como inferiores meios para uma maior conscientização, uma opinião formada acerca da realidade do falar “correto”.

Dessa maneira, os lingüistas não se preocupam com o “certo” e o “errado”, pois as variações lingüísticas expressam as diversas formas da pessoa se comunicar, através da variação utilizando o mesmo sentido.

## O funcionamento e a sua importância com relação à comunicação

Os estudos lingüísticos que se voltaram para a norma padrão e os vários falares são meios viáveis, pois quando há análises de várias características distintas, a área de entendimento lingüístico de uma determinada comunidade de fala e a existência das variações são, relacionadas como um todo lingüístico. Procurando estabelecer o uso da língua, a gramática normativa construiu uma tendência que transformaria a língua num modelo padrão. Porém é fato que muitas pessoas não têm o domínio da gramática normativa mas conseguem comunicar-se claramente com quem o cerca de forma objetiva. Contudo essa conduta afasta o estigma do preconceito lingüístico entre as classes sociais, que é resultado da junção de teorias que têm como origem a Sociologia da Linguagem da Sociolingüística.

Para Jakobson (1960, p. 352 – 353), os lingüistas investigam as variações apresentadas pela língua:

a insistência em manter a poética separada da lingüística só é justificada quando o campo da lingüística passa a ser ilicitamente restringido, por exemplo, quando a sentença é vista por alguns lingüistas com a mais alta construção analisável ou quando o escopo da lingüística é confinado somente à pura gramática. A questão não semântica de forma externa ao inventário de dispositivos denotativos sem nenhuma referência à variações livres [...] Sem dúvida, para qualquer comunidade de fala, para qualquer falante, existe uma unidade de língua, mas essa código geral representa um sistema de sub-códigos interconectando cada língua e abrange vários padrões concorrentes que são caracterizados por uma função diferente [...] A língua deve ser investigada em todas as variedades de sua função.

As gramáticas mostram que os estudos da língua estavam concentrados na estrutura, no sistema. Tal ponto de vista esclarece que o emissor, tem idéias que deveriam sujeitar às regras expressas no sistema. É o estudo da língua pela língua que está focado no Paradigma Formal da Linguagem. E para manifestar-se contra tal perspectiva de estudo e de pesquisa, nasceu a escola chamada de *funcionalista*, a qual tem como centro e ponto principal não só a análise do funcionamento da língua em determinado contexto, mas qual a função da linguagem em determinado contexto.

Conforme o funcionalismo, a língua é compreendida como um instrumento de comunicação. A gramática funcional no sentido de suas interpretações, está enfocada numa aproximação que centraliza a linguagem usada.

### **A variação lingüística no ensino da língua materna**

Quando o professor de Português vai lecionar, enfrenta uma verdadeira batalha científica, que muitos chamam de “violência simbólica”. Esta impõe a língua padrão aos alunos e formula modos de pensar e conservar a língua materna. Ao longo da história do português, a “violência simbólica” foi extremamente praticada e imposta no ensino da língua aos índios e estes sofreram com as mudanças na sua língua materna.

No nosso país, até hoje a escola está voltada para o ensino da língua padrão, tendo em vista o modo de ensino “estático” priorizando a *norma culta* e a chamada perfeita comunicação entre as pessoas de um mesmo nível social. É na gramática normativa que se acham regras que fazem com que haja boa utilização da linguagem, que normalmente são deixadas de lado, dadas as diferenças entre as modalidades da fala e da escrita.

Por meio dos estudos das normas, consegue-se disciplinar meios de expressão de uma língua. Porém por mais que o aluno tenha o domínio das regras da gramática normativa, não são colocadas em prática no dia-a-dia. Deste modo, é considerado na escola, erro o que não segue um padrão, e o texto ou expressão oral que se distancia da norma de certos requisitos são qualificados incorretos.

## **A fundamentação lingüística no Brasil**

A língua falada no Brasil é o Português. Isto quer dizer que a rede de opções funcionais, característica de um sistema é a mesma de Portugal, na África ou no Brasil.

O português falado em nosso país, corresponde a um uso típico por todos os cidadãos brasileiros, por intermédio de uma diversidade muito grande.

Essa falsa idéia de que a língua portuguesa falada no nosso país apresente um unidade lingüística está tão fixada em nossa cultura que muitas pessoas se deixam levar por elas. Idéia que prejudica a educação, pois não se conhece a diversidade do português que é falado no Brasil, as instituições de ensino tentam infringir sua norma lingüística, como se a língua fosse comum a todos os brasileiros, sem contar o grau de escolaridade, idade, origem geográfica, etc.

Apesar da língua falada por grande parte da população brasileira, o português esse mesmo apresenta uma grande diversidade de variações, causado pela extensão do território brasileiro que gera diferenças regionais e também pela injustiça social. São essas diferenças sociais que mostram o despenhadeiro lingüístico entre as pessoas das variedades que saem do padrão do português nacional. Já que a educação é uma oportunidade de poucos, uma maioria de brasileiros estão excluídos do domínio de uma norma tida como culta. Para Marcos Bagno (1999, p. 16)

[...] Existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal se formos acreditar que a língua falada no Brasil é única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalista, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os sem língua.

É certo que as pessoas tidas como “sem-língua” falam português, um tipo de português não convencional, não tido como legítimo, é desprestigiado por indivíduos que se utilizam da norma padrão.

A falta de entendimento para as pessoas de fala desprestigiada traz prejuízo, pois as mesmas deixam de obter vários serviços que são de seu direito por não compreender a linguagem empregada ou ter vergonha de interpelar.

### **O português é uma língua difícil?**

O ensino de língua portuguesa se baseou na gramática normativa de Portugal, e os métodos que aprendemos nas instituições de ensino na sua maioria não correspondem a língua que falamos e escrevemos em nosso país. Essa língua é tida como difícil, porque temos que decorar regras e conceitos que, muitas vezes, não revelam nada para nós.

Toda pessoa que nasce no Brasil sabe português, pois até uma criança a partir dos três anos já conhece as regras da sua língua materna, o que ela pode não conhecer são as irregularidades e argumentos no uso dessa regra, o que somente a leitura e o estudo pode dar a uma pessoa. A idéia que o “português é difícil” está servindo de objeto de manutenção da ascensão social porque quem domina o português é tido como intelectual.

Não importa a língua, em todas elas existe a variação, pois nenhuma é falada no mesmo modo em todos os lugares. Há uma propensão que impõe ao aluno falar do mesmo jeito que se escreve, como se fosse a maneira correta de falar o português. Devemos instruir o aluno de acordo com a norma ortográfica oficial. O aluno pode falar “buneca” ou “boneca” mas escreve *boneca*, pois é importante uma única ortografia para toda língua, para que as pessoas possam ler e entender o que está escrito.

A repressão contínua aos erros e à omissão dos pontos positivos escrito pelo indivíduo cria uma espécie de desinteresse e bloqueio, mais adiante causa dificuldade na sua relação com a escrita, a pessoa fica achando-se incapaz, quando o problema na verdade está situado no início da escrita, a partir da admissão do letramento.



O profissional limita os objetivos da produção textual ao tema escolhido e à correção, confirmando o dizer de Brito (1984, p. 118-119), qual seja:

[...] a produção de textos por estudantes em condições escolares já é marcada, em sua origem, por uma situação muito particular, onde são negadas à língua algumas de suas características básicas de emprego, a saber, sua funcionalidade, a subjetividade de seus locutores e interlocutores e o seu papel mediador da relação homem-mundo. O caráter artificial desta situação dominará todo o processo de produção da redação, sendo fator determinante de seu resultado final.

O professor ao invés de levar o aluno à reflexão sobre a sua falha, contestá-lo para chegar a um acordo, uma resposta que seja mais adequada, o professor inibe o aluno a ter na classe um indivíduo que cumpre suas tarefas sem espaço para qualquer formulação a respeito do seu “erro”. Para Marcos Bagno (p. 55), “a importância da língua falada, para o estudo científico está principalmente no fato de ser nessa língua falada que ocorrem mudanças e as variações que incessantemente vão transformando a língua”.

Não é preciso saber gramática para falar e escrever bem, mas para muitos professores de língua portuguesa é necessário dominar o português. Celso Pedro Luft em *Língua e Liberdade* (p. 23 – 25), defende o seguinte pensamento: “o ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo a expressão livre e autêntica de si mesmo”.

### **A língua que vem da literatura**

O português falado no Brasil vem do modelo Português até metade do século XIX, a partir de então, apresentam-se tentativas de imprimir normas próprias, que mais tarde acabam sendo fixadas.

Os escritores apelam à oralidade, o que fica comprovado nos textos escritos, a partir desses textos e na falta de documentos, nota-se a diferença da variante portuguesa com relação à brasileira.

Esse fato ocorreu quando em meados do século XIX os escritores românticos vêem indistintamente o fato de existir uma variante brasileira e começaram a pôr em execução o direito a uma expressão literária própria. Os escritores, que eram cidadãos de Portugal, em seguida filhos e netos de portugueses, nascidos no Brasil que normalmente eram formados em Portugal, tinham como referência e como modelo literário o que era ensinado na corte, eliminando na escrita traços que lembrem a oralidade brasileira. Apesar de continuar inflexível na mesma idéia, a variante brasileira começa a introduzir-se sutilmente na literatura por meio de gêneros sem muita significância. Um exemplo desse tipo de gênero popular é o poema de Domingos Caldas Barbosa que propaga um vocabulário peculiar brasileiro.

Veio amor dar-me na cuia  
Qu' estou todo feito angu  
Mais mole que quingombó  
Tenha nhanhá certo nhonho  
Que tantos quindins afeta  
Eu tenho uma nhanhazinha  
(*Viola de Lere*m. Grifos nossos.)<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1944. v. 1, p. 14, 15, 28.

## O erro na língua materna

Um jeito interessante de cortar o círculo vicioso do preconceito lingüístico é fazer uma nova avaliação da noção de erro na língua portuguesa.

O tradicional abre caminho para escritores escrevam livros que prometem o não erro da língua e vendem milhares de exemplares.

Em letreiros, placas e cartazes não aparecem “erros de português” e sim “erros” de ortografia. Escrever por exemplo, “Caza do fil” onde a lei obriga “Casa do fio”, não prejudica a intenção do autor da placa: informar que naquele estabelecimento, vende-se fio. Nesse caso, nem mesmo a realização fonética da placa “certa” e da placa “errada” vai ter diferença. O que não quer dizer que, porque a placa está errada, os produtos ali vendidos não tenham qualidade. Marcos Bagno escreve que, [...] a ortografia é fruto de um gesto político, é determinada por decreto, é resultado de negociações e pressões de toda ordem (geopolítica, econômica, ideológica).

As pessoas não cometem erros ao falar sua língua materna, assim como ninguém comete erros ao correr ou ao respirar. Só há erro naquilo que vai ser ou é aprendido, que é inserido por meio de “decoreba” prática e memorização, erra-se ao tocar violão, erra-se ao escrever / falar uma língua estrangeira.

A língua materna não é um saber desse gênero, ela é obtida pela criança desde a barriga da mãe. Por esse motivo, as crianças entre 3 e 4 anos já dominam a gramática de sua língua.

A conclusão disso está nas palavras de Perine (1997: 11), “o nosso conhecimento da língua é ao mesmo tempo altamente complexo, incrivelmente exato e extremamente seguro”.

Os falantes da língua portuguesa têm um conhecimento oculto muito elaborado da língua, mas não sabem mostrar este conhecimento, ele não é adquirido na escola, é adquirido de forma natural e espontânea, quanto à nossa habilidade de correr.

Para Perine (1997, p. 13), “mesmo pessoas que nunca estudaram gramática chegaram a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua. São como pessoas que não conhecem a anatomia e fisiologia das pernas, mas que andam, nadam e pedalam sem problemas”.

O que ocorre aqui é um aprimoramento da língua no tocante ao uso, o falante está, na verdade praticando a sua “gramática”. É como se um não-nativo fosse morar nos Estados Unidos e passasse a conhecer a língua americana não dependendo puramente da gramática para comunicar-se.

### **Tudo é possível dentro da língua?**

Existem pessoas que acham que a eliminação da noção de erro vale tudo em termos da língua. Na verdade, há certos lugares que não são adequados para as pessoas falarem gírias. Numa determinada situação em que uma pessoa se encontra, a exemplo de uma reunião de negócios numa empresa, o uso de certos termos coloquiais não convém. Ao estar diante de uma autoridade jurídica, o nível de conversação – e até na modalidade escrita – deve ser condizente com a momento a que se destina. É inadequado fazer um pronunciamento ou palestra usando gírias, expressões regionais, palavrões, etc. Não é adequado um advogado usar termos característicos à advocacia com pessoas leigas.

A tarefa do professor de Português é, conscientizar o seu alunato de que a língua possui variações em que são possíveis vários tipos de falares em uma só língua.

No âmbito ortográfico, o professor tradicional tende a procurar os erros em um texto produzido pelo aluno, os professores preocupam-se mais com a forma do que com o conteúdo, há uma paranóia de que todas as palavras têm uma situação e de que tudo esteja no lugar certo.

E o que dizer da relação adulto-criança, pois o adulto serve como mediador no processo ensino-aprendizagem. Na percepção de Ferreiro (1991), o adulto possui o papel de mediar caminhos prováveis ao progresso da aprendizagem. Dar sempre liberdade para as produções espontâneas das crianças, às quais são imprescindíveis para a compreensão posterior do sistema da escrita. O papel do adulto alfabetizador é inverso dos constatados nas salas de aula do ensino tradicional.

A escrita não é absorvida por intermédio do meio social, salvo a convenção gráfica das letras, da escrita. Para Ferreiro, mais importante do que isso é a criança entender o processo conceitual que tem como resultado a produção escrita.

Já Mayrink – Sabinson (2002), acha que a função do adulto é muito mais ampla e influente na aprendizagem da escrita. Para a autora, o que mais chama a atenção no trabalho de Ferreiro é o papel limitado do adulto que alfabetiza, porque de acordo com Mayrink – Sabinson (2002), o adulto tem grande influência na aprendizagem.

Mas saber ortografia não é saber a língua, são conhecimentos diversificados. A ortografia não faz parte da gramática das regras que fazem funcionar a língua. As pessoas nascem e morrem sem sequer ter aprendido a ler e escrever, mas não deixam de ser conhecedoras da gramática que está incutida na sua língua materna.

A ortografia ensinada nas gramáticas vem de um ato institucional criado pelo governo, levando influência dos seus criadores.

## CONCLUSÃO

É necessário reconhecer que o preconceito existe e é forte. Não podemos ter o sonho de querer acabar com ele da noite para o dia, é necessário que haja uma transformação radical do estilo de sociedade em que estamos inserido, que é uma sociedade que, para existir, precisa da discriminação de tudo que se diz diferente.

Podemos praticar alguns pequenos atos revolucionários, uma espécie de guerra contra o preconceito porque os professores são importantes como formadores de opinião.

É sabido que diferentemente da linguagem escrita, a linguagem oral não depende do contexto e sua influência recebe apoio de gesticulações, contato pessoal e direto. A linguagem escrita, que é uma produção solitária, possui dependência contextual, no sentido de o locutor contextualizar o seu texto para o seu virtual interlocutor.

As diferenças entre a fala e a escrita é a condição e o modo de produção da linguagem e não só as modalidades em si, haja vista a produção de um texto oral ser composto por estruturas sintáticas e lexicais complexas, existentes também no texto formal escrito.

Aqui no Brasil, o uso da linguagem oral é mais freqüente na linguagem escrita do que está a linguagem oral. Até os estudiosos dão preferência à oralidade que acaba por marcar a escrita. Desse jeito, o oral é prioridade, se comparado com a produção escrita.

No nosso país, o português encontra-se de modo relativo de forma homogênea por causa do controle no âmbito social que ocorre como uma necessidade da prática social lingüística. E mesmo com todas as normas, a variante sem prestígio realiza-se a partir do momento em que os falantes do português compreendem que na oralidade as regras da gramática têm pouca importância, mas no ato de comunicar-se.

As intervenções gramaticais nos padrões do ensino diminuí a distância que separa a linguagem falada da escrita nas classes que detêm a norma culta. No entanto, para se falar em linguagem adequada o contexto é o fator essencial para que se demonstre as características e capacidades sócio-lingüísticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**. 12ª ed., São Paulo, 1999.
- BOUTON, Charles. **A lingüística aplicada**. 1ª ed., Lisboa, Portugal, 1981.
- BRITO, Percival Leme. **Em terra de surdos-mudos**. In. GERALDI, João Wanderley (org.)
- FAGES, J. B. **Para entender o estruturalismo**. 3ª ed., Lisboa, Portugal, 1976.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. 18ª ed. São Paulo, Cortez, 1991.
- JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975. Tradução: Izidoro Blikstein.
- MAYRINK – SABINSON, Laura T. **Reflexões sobre o processo de aquisição da escrita**. IN: ROJO, Roxane (org). São Paulo, Campinas: Mercado de Letras, 2002 p. 87 – 120.
- TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. 1ª ed., São Paulo, 1997.